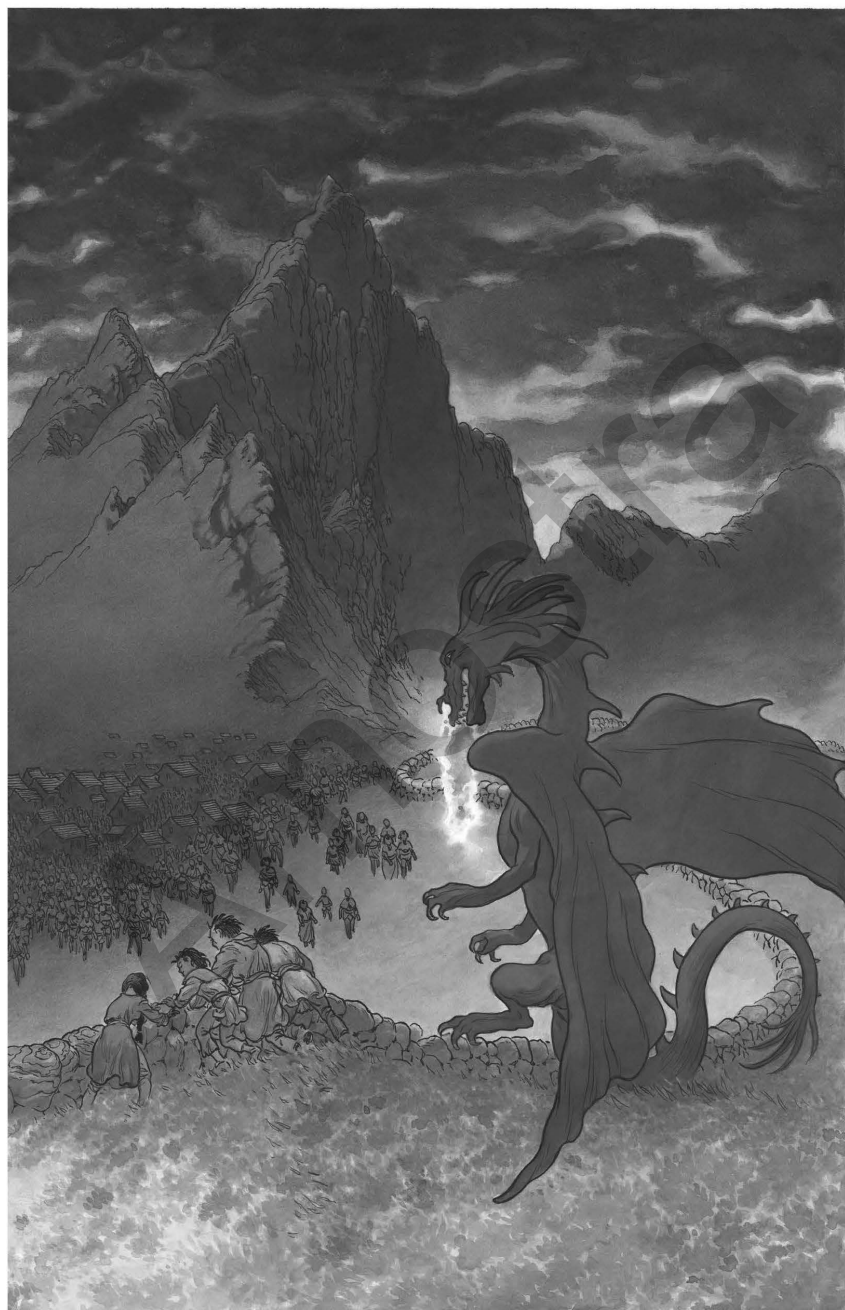




O OUTRO VENTO



O OUTRO VENTO

URSULA K. LE GUIN

CICLO TERRAMAR, VOLUME 6

Tradução de
Heci Regina Candiani



MORROBRANCO
EDITORA

O Outro Vento

Copyright © 2026 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2001 URSULA K. LE GUIN

ISBN: 978-65-6099-084-5

Translated from original The Other Wind. Copyright © 2001 by The Inter-Vivos Trust for the Le Guin Children. ISBN 9781399602426. This translation is published and sold by arrangement with Tassy Braham Associates and Ginger Clark Literary, LLC, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2026 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

LS18o

Le Guin, Ursula K.

O outro vento / Ursula K. Le Guin ; tradução de Heci Regina Candiani. — 1.ed. — Rio de Janeiro : Morro Branco, 2026.

296 p. ; il. ; 13,8 x 21 cm. (Ciclo Terramar ; v. 6)

ISBN 978-65-6099-084-5

1. Literatura fantástica. 2. Ficção norte-americana. 3. Fantasia épica. 4. Terramar (série). I. Candiani, Heci Regina. II. Título.

CDD 813.54

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana contemporânea (813.54)

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Coordenadora Editorial: Illyssabelle Trajano

Produtoras da Obra: Beatriz de Assis & Luana Maura

Tradução: Heci Regina Candiani

Copidesque: Livia Pacini

Revisão: Denise Himpel

Diagramação: Natalia Curupana



Rua Viúva Cláudio, 291 — Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 — Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br — altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br





SUMÁRIO

1. Restaurando o cântaro verde	3
2. Palácios	51
3. O Conselho de Dragões	93
4. Golfinho	131
5. Reconciliação	171
Posfácio	207
Outras histórias	211
A palavra de desamarração	213
A regra dos nomes	221
A filha de Odren	233
A luz da lareira	260
Terramar revisto	271
Sobre a autora	288

Amostra

MAIS A OESTE DO QUE O OESTE
ALÉM DA TERRA
MEU POVO ESTÁ DANÇANDO
NO OUTRO VENTO.

— A CANÇÃO DA MULHER DE KEMAY

Amostra

Amostra

CAPÍTULO I

RESTAURANDO O CÂNTARO VERDE

Velas longas e brancas como as asas de um cisne lançavam o navio *Vagamundo* pelo ar do verão, descendo a baía dos Penhascos Bracejados em direção ao Porto de Gont. Ele deslizava pelas águas calmas rumo ao píer, uma criatura do vento tão segura e graciosa que dois moradores do povoado que pescavam no antigo cais deram vivas, acenando para os tripulantes e para o único passageiro parado na proa.

Era um homem mirrado com um fardo mirrado e um manto preto e velho, provavelmente um ocultista ou pequeno comerciante, ninguém importante. Os dois pescadores observavam a agitação no deque e no convés do navio durante os preparativos para a descarga e só olharam para o passageiro com certa curiosidade quando, ao sair da embarcação, um dos marinheiros apontou para ele pelas costas, com o polegar, o indicador e o mindinho da mão esquerda em riste: *Que jamais retorne!*

No píer, ele hesitou, colocou o fardo no ombro e partiu pelas ruas do Porto de Gont. Eram ruas movimentadas, e ele logo entrou no Mercado de Peixes, em meio a uma ruidosa disputa entre vendedores e regateadores, sobre paralelepípedos cintilando com escamas de peixe e água salgada. Se ele tinha um percurso a seguir, logo se perdeu entre as carroças, barracas, clientes e o olhar frio dos peixes mortos.

Uma mulher alta e idosa deu as costas à barraca onde esteve insultando o frescor do arenque e a honestidade da peixeira. Ao perceber que ela o encarava, o estranho disse, de modo imprudente:

— Por gentileza, a senhora poderia me explicar o caminho que devo seguir até Re Albi?

— Ora, para começo de conversa, vá comer lavagem — respondeu a mulher alta e se afastou, deixando o estranho abatido e perplexo.

Mas a peixeira, vendo uma chance de mostrar a superioridade moral, berrou:

— Re Albi, é? Você aí, quer ir para Re Albi? Fale! Seria a casa do Velho Mago que você quer encontrar em Re Albi. Com certeza. Então saia por aquele canto ali, suba a Alameda das Enguias, entende, até chegar à torre...

Assim que saiu do mercado, ruas largas o levaram colina acima, passando pela enorme torre de vigia até a entrada do povoado. Dois dragões de pedra em tamanho real guardavam a passagem com dentes do tamanho de um antebraço e olhos de pedra que contemplavam cegamente o povoado e a baía. Um guarda que estava ali à toa disse a ele que bastava virar à esquerda no alto da estrada que chegaria a Re Albi.

— E continue atravessando a aldeia para achar a casa do Velho Mago — orientou o guarda.

Então, ele foi subindo penosamente pela estrada, que era bastante íngreme, procurando enquanto seguia rumo às encostas mais escarpadas e ao pico distante da Montanha Gont, que pairava acima da ilha como uma nuvem.

A estrada era longa e o dia estava quente. O estranho logo tirou o manto preto e seguiu com a cabeça descoberta e em mangas de camisa, mas sem pensar em encontrar água ou comprar comida no povoado; talvez fosse tímido demais para isso, pois não era um homem familiarizado com cidades ou confortável com estranhos.

Depois de vários quilômetros, alcançou uma carroça que tinha avistado no alto, ao longe, na trilha poeirenta, na forma de um borrão escuro em um borrão branco de poeira. A carroça rangia e retinia ao ritmo de uma parrelha de boizinhos que pareciam velhos, enrugados e desesperançados como tartarugas. Ele cumprimentou o carroceiro, que era parecido com os bois. O carroceiro não disse nada, mas piscou.

— Será que haveria alguma fonte de água mais adiante na estrada? — perguntou o estranho.

O carroceiro balançou a cabeça devagar. Depois de muito tempo, respondeu:

— Não.

Um pouco depois, completou:

— Tem não.

Todos seguiram se arrastando. Desanimado, o estranho achou difícil andar mais depressa do que os bois, menos de dois quilômetros por hora, talvez.

Ele percebeu que o carroceiro lhe estendia algo sem dizer nada: um grande cântaro de barro envolto em vime. Pegou-o e, achando-o muito pesado, bebeu a água até se faltar, deixando o cântaro só um pouco mais leve ao devolvê-lo com um agradecimento.

— Sobe aí — disse o carroceiro depois de um tempo.

— Obrigado. Vou andando. Qual a distância até Re Albi?

As rodas rangeram. Os bois soltaram suspiros fundos, primeiro um, depois o outro. Seus couros empoeirados exalavam um aroma agradável sob o sol quente.

— Uns dezesseis quilômetros — respondeu.

Ele pensou melhor e disse:

— Ou vinte.

Depois de um tempo, acrescentou:

— No mínimo.

— É melhor continuar andando, então. — O estranho resignou-se.

Refrescado pela água, ele conseguiu passar à frente dos bois, e os animais, a carroça e o carroceiro já estavam bem atrás quando ele ouviu o homem falar de novo.

— Indo para a casa do Velho Mago.

Se era uma pergunta, parecia não precisar de resposta. O viajante continuou andando.

Quando começou a subir a estrada, ela ainda estava sob a imensa sombra da montanha, mas ao virar à esquerda rumo à aldeiazinha que imaginava ser Re Albi o sol ardia no céu a oeste e, sob seu brilho, o mar jazia branco como aço.

Havia casinhas espalhadas, uma pracinha empoeirada, uma fonte da qual escorria um filete de água. Ele foi até lá, bebeu várias vezes com as mãos, colocou a cabeça sob o filete, esfregou água fria nos cabelos e a deixou escorrer pelos braços, sentou-se por um tempo na borda de pedra da fonte, observado com um silêncio atento por dois garotinhos encardidos e uma garotinha encardida.

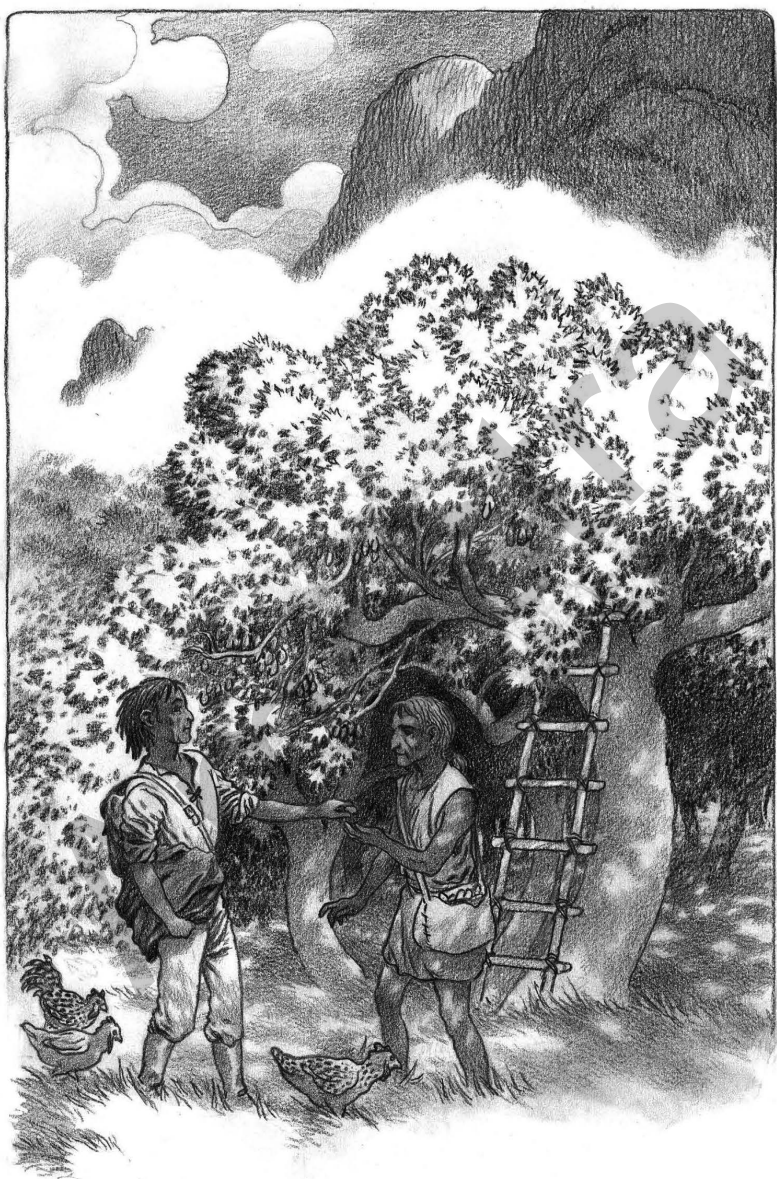
— Não é o ferrador — disse um dos garotos.

O viajante penteou o cabelo molhado para trás com os dedos.

— Ele vai para a casa do Velho Mago — disse a garota —, seu idiota.

— Aaarrrgh! — exclamou o garoto, contorcendo o rosto em uma careta horrível e disforme, puxando-o com uma das mãos enquanto arranhava o ar com a outra.

Amostra



- Cuidado, Pedregoso — falou o outro menino.
- Levo você até lá — disse a garota ao viajante.
- Obrigado — respondeu e se levantou, exausto.
- Não tem cajado, viu? — comentou um garoto, e o outro respondeu:
- Eu não falei que tinha.

Os dois observaram, com olhares ressentidos, o estranho seguir a garota rumo à saída da aldeia até uma trilha que levava para o norte, atravessando pastos rochosos em uma descida íngreme à esquerda.

O sol resplandecia no mar. Seus olhos ofuscados, o horizonte amplo e o vento o deixavam tonto. A criança era uma sombrinha saltitante à sua frente. Ele parou.

— Vamos — insistiu ela, mas também parou. Ele se aproximou no caminho.

— Ali. — Ela indicou.

Ele avistou, um pouco mais à frente, uma casa de madeira perto da beira do penhasco.

— Não tenho medo — afirmou a garota. — Busco ovo com eles muitas vezes para o pai do Pedregoso levar para o mercado. Uma vez ela me deu pêssegos. A senhora. O Pedregoso diz que eu roubei, mas nunca roubei. Pode ir. Ela não está lá. Nenhum dos dois tá. — A menina ficou parada, apontando para a casa.

— Não tem ninguém lá?

— Tem o velho. O Velho Falcão, ele tá lá.

O viajante prosseguiu. A criança ficou observando até que ele virasse no canto da casa.

De um campo cercado e íngreme, duas cabras olharam para o estranho. Um bando de galinhas e pintinhos meio crescidos ciscavam e cacarejavam baixinho na grama alta sob pessegueiros e ameixeiras. Um homem estava em pé em uma escadinha encostada no tronco de uma das árvores; a cabeça dele estava entre as folhas e o viajante só conseguia avistar as pernas nuas e escuras.

— Olá — chamou o viajante, repetindo a frase um pouco mais alto depois de algum tempo.

As folhas estremeçeram e o homem desceu depressa da escada. Ele segurava um punhado de ameixas e, ao descer, espantou algumas abelhas atraídas pela fruta suculenta. Ele se aproximou: era baixo, tinha as costas aprumadas e cabelos grisalhos presos para trás, revelando um rosto bonito e marcado pelo tempo. Parecia ter por volta de setenta anos. Cicatrizes antigas, quatro fendas brancas, desciam da maçã esquerda do rosto até o maxilar. O olhar dele era límpido, direto, intenso.

— Estão maduras — disse —, mas amanhã estarão melhores ainda. — Ele estendeu o punhado de ameixinhas amarelas.

— Senhor Gavião — falou o estranho com a voz rouca. — Arquimago.

O velho fez um breve aceno de cabeça como confirmação.

— Venha para a sombra.

O estranho o seguiu e fez o que lhe foi pedido: sentou-se em um banco de madeira à sombra da árvore retorcida mais próxima da casa, aceitou as ameixas, agora lavadas e servidas em uma cesta de vime, comeu uma, depois outra, depois a terceira. Questionado, admitiu não ter comido nada naquele dia. Ficou sentado enquanto o dono da casa entrou, saindo logo em seguida com pão, queijo e meia cebola. O convidado comeu o pão, o queijo e a cebola e bebeu o copo de água fresca que seu anfitrião trouxe. O anfitrião comeu ameixas para acompanhá-lo.

— Você parece cansado. Veio de longe?

— De Roke.

A expressão do velho era difícil de interpretar. Ele disse apenas:

— Eu não teria adivinhado.

— Sou de Taon, senhor. Fui de Taon para Roke. E lá o Senhor Padronista me disse que eu deveria vir até aqui. Até o senhor.

— Por quê?

Era um olhar formidável.

— Porque você *atravessou a terra da escuridão e sobreviveu...* — A voz rouca do estranho foi enfraquecendo.

O velho identificou aquelas palavras:

— *E cheguei às praias distantes da luz do dia.* Sim. Mas isso foi dito em profecia sobre a vinda do nosso Rei, Lebannen.

— O senhor estava com ele, meu senhor.

— Estava. E lá ele conquistou seu reino. Mas lá deixei o meu. Portanto, não me chame por nenhum título. Apenas Falcão ou Gavião, como preferir. E como devo chamá-lo?

O homem murmurou seu nome de uso:

— Amieiro.

A comida, a bebida, a sombra e a possibilidade de se sentar claramente o fizeram relaxar, mas ele ainda parecia exausto. Trazia em si uma tristeza cansada, que estava por todo seu rosto.

O velho havia falado com ele com certa aspereza na voz, que desapareceu quando sugeriu:

— Vamos adiar um pouco a conversa. Você navegou quase dois mil quilômetros e caminhou outros dezessete subindo a colina. E eu preciso regar o feijão, a alface e tudo o mais, já que minha esposa e minha filha deixaram a horta sob meus cuidados. Então, descanse um pouco. Podemos conversar no frescor da noite. Ou no frescor da manhã. Raramente há tanta pressa quanto eu costumava imaginar que havia.

Quando voltou, meia hora depois, seu convidado estava deitado de costas, dormindo na grama fresca sob os pessegueiros.

O homem que tinha sido Arquimago de Terramar parou segurando um balde em uma mão e uma enxada na outra e olhou para o estranho adormecido.

— Amieiro — disse baixinho. — Qual é o problema que você traz consigo, Amieiro?

Parecia-lhe que, se quisesse saber o verdadeiro nome do homem, descobriria simplesmente refletindo, se concentrando nele, como talvez poderia ter feito quando era mago.

Mas ele não sabia o verdadeiro nome, pensar não traria uma revelação e ele não era mago.

Ele não sabia nada sobre aquele Amieiro e precisava esperar que lhe contassem.

— Não cutuque a onça com vara curta — falou sozinho e foi regar os feijões.

Assim que a luz do sol foi bloqueada por um muro baixo de pedra que se estendia ao longo do alto do penhasco perto da casa, o frescor da sombra despertou o homem que dormia. Ele se sentou, tiritando, depois ficou em pé, um pouco rígido e perplexo, com sementes de grama no cabelo. Ao ver seu anfitrião enchendo baldes no poço e carregando-os para o jardim, foi ajudar.

— Mais três ou quatro devem bastar — disse o ex-Arquimago, distribuindo água nas raízes de uma fileira de repolhos jovens. O cheiro de terra molhada era agradável no ar seco e quente. A luz do poente chegava ao chão em fragmentos dourados.

Eles se sentaram em um banco comprido ao lado da porta da casa para ver o sol se pôr. Gavião havia trazido uma garrafa e dois copos rasos e grossos de vidro esverdeado.

— O vinho do filho da minha esposa — explicou. — Da Fazenda do Carvalho, no Vale Central. Uma safra boa, sete anos atrás.

Era um vinho tinto com notas minerais que aqueceu Amieiro por completo. O sol se pôs com uma claridade serena. O vento havia diminuído. Nas árvores do pomar, os pássaros faziam algumas considerações finais.

Amieiro havia se surpreendido ao ouvir do Mestre Padronista de Roke que o Arquimago Gavião, aquele homem lendário que havia trazido o rei de volta do reino da morte e depois partido nas costas de um dragão, ainda estava vivo. Vivo, tinha dito o Padronista, e vivendo em sua ilha natal, Gont.

— Vou lhe contar o que poucos sabem — falara o Padronista —, pois acho que você precisa saber. E acho que guardará o segredo dele.

— Mas então ele ainda é Arquimago! — havia concluído Amieiro, com uma espécie de alegria: pois tinha sido um enigma e uma preocupação para todos os homens do ofício o fato de que os sábios da Ilha de Roke, escola e centro de magia do Arquipelago, não tivessem, em todos os anos do governo do Rei Lebannen, nomeado um Arquimago para substituir Gavião.

— Não — respondeu o Padronista. — Ele não é mago, de modo algum.

O Padronista já havia contado a Amieiro alguns detalhes sobre como Gavião havia perdido seu poder e por que, e Amieiro teve tempo para refletir a respeito. Ainda assim, ali, na presença daquele homem que falou com dragões, resgatou o Anel de Erreth-Akbe, cruzou o reino dos mortos e governou o Arquipelago antes do rei, todas aquelas histórias e canções voltaram à mente de Amieiro. Mesmo ao vê-lo velho, satisfeito com sua horta, sem nenhum poder em si ou em seu entorno além do proveniente de uma

alma construída por uma longa vida de pensamento e ação, Amieiro ainda enxergava um grande mago. Por isso, ficou bastante perturbado pelo fato de Gavião ter uma esposa.

Uma esposa, uma filha, um enteado... Magos não tinham família. Ocultistas comuns, como Amieiro, podiam se casar, ou não, mas os homens de verdadeiro poder eram celibatários. Amieiro conseguia imaginar aquele homem montado num dragão, era fácil, mas pensar nele como marido e pai era outra história. Ele não conseguia. Tentou. Perguntou:

— Sua... Esposa... Ela está com o filho, então?

Gavião retornou de longe. Seus olhos tinham se perdido nos golfos ocidentais.

— Não — respondeu. — Ela está em Havnor. Com o rei.

Depois de um tempo, voltando de fato ao presente, acrescentou:

— Ela foi até lá com a nossa filha logo depois da Longa Dança. Lebannen mandou chamá-las para pedir-lhes conselhos. Talvez sobre o mesmo assunto que o trouxe aqui. Veremos... Mas a verdade é que estou cansado esta noite e não estou muito disposto a pensar em assuntos pesados. E você também parece cansado. Então, que tal tomar uma tigela de sopa, mais uma taça de vinho e depois dormir? Conversaremos amanhã.

— Com prazer, senhor — disse Amieiro —, exceto dormir. É disso que tenho medo.

O velho demorou um pouco para entender, mas depois perguntou:

— Você tem medo de dormir?

— Dos sonhos.

— Ah. — Nos olhos escuros sob as sobrancelhas emaranhadas e meio grisalhas, havia um olhar perspicaz. — Você tirou uma boa soneca ali na grama, acho.

— O sono mais doce que tive desde que deixei a Ilha de Roke. Sou grato ao senhor por essa dádiva. Talvez ele retorne esta noite. Mas, caso contrário, tenho dificuldades com meu sonho, grito, acordo e sou um fardo para qualquer um perto de mim. Dormirei lá fora, se o senhor permitir.

Gavião assentiu.

— A noite será agradável — afirmou.

Foi uma noite agradável, fresca, o suave vento marinho vindo do sul, as estrelas do verão clareando todo o céu, exceto onde o topo largo e escuro da

montanha se erguia. Amieiro colocou o catre e a pele de carneiro que seu anfitrião lhe dera na grama onde havia dormido antes.

Gavião se deitou na pequena alcova no lado oeste da casa. Foi lá que ele dormiu quando menino, quando aquela era a casa de Ogion, e ele, seu aprendiz de feitiçaria. Tehanu havia dormido lá nos últimos quinze anos, desde que se tornou filha dele. Com ela e a mãe fora, quando ele se deitava na cama que dividia com Tenar, no canto escuro dos fundos do cômodo, sentia solidão, por isso passou a dormir na alcova. Gostava da cama estreita construída da mesma madeira grossa da parede da casa, bem embaixo da janela. Ali dormia bem. Mas não nesta noite.

Antes da meia-noite, acordado por um grito e vozes do lado de fora, ele se levantou de um salto e foi até a porta. Era apenas Amieiro lutando contra o pesadelo, em meio aos protestos sonolentos vindos do galinheiro. Amieiro gritou com a voz rouca do sonho e então acordou sobressaltado, em pânico e angustiado. Pediu perdão ao anfitrião e disse que se sentaria um pouco sob as estrelas. Gavião voltou para a cama. Não foi mais acordado por Amieiro, mas também teve um pesadelo.

Ele estava parado junto a um muro de pedra perto do topo de uma longa encosta de grama seca e cinzenta que descia da penumbra para dentro da escuridão. Ele sabia que já tinha passado por ali antes, já tinha ficado ali antes, mas não sabia quando, nem qual era o lugar. Alguém estava parado do outro lado do muro, na descida da colina, não muito longe. Não dava para ver o rosto, apenas que era um homem alto, coberto com um manto. Sabia que o conhecia. O homem falou com ele chamando-o por seu verdadeiro nome. Ele disse:

— Você logo estará aqui, Ged.

Congelando de frio, Gavião se sentou para observar o espaço da casa ao seu redor, para envolver-se em sua realidade como se fosse um cobertor. Pela janela, olhou para as estrelas. Então, o frio congelou seu coração. Não eram as estrelas de verão, amadas, familiares, a Carroça, o Falcão, as Dançarinas, o Coração do Cisne. Eram outras estrelas, as pequenas e imóveis estrelas da terra firme, que nunca nascem nem se põem. Ele sabia seus nomes no passado, quando conhecia os nomes das coisas.

— Afasto! — disse ele em voz alta, fazendo o gesto para repelir infortúnios que tinha aprendido aos dez anos de idade.

Seu olhar se dirigiu para a porta aberta da casa, para o canto atrás da porta, onde pensou ver a escuridão tomando forma, se condensando e se erguendo.

Mas o gesto, ainda que sem poder, o despertou. As sombras atrás da porta não passavam de sombras. As estrelas do lado de fora da janela eram as estrelas de Terramar, empalidecendo ao primeiro reflexo da aurora.

Ele se sentou segurando sua pele de carneiro em volta dos ombros, observando aquelas estrelas se apagarem à medida que desciam a oeste, olhando o brilho crescente, as cores da luz, a ação e a transformação do dia que se aproximava. Sentia um pesar e não sabia o porquê, uma dor e um anseio como por algo querido e perdido, perdido para sempre. Estava acostumado; ele se apegou muito e perdeu muito, mas essa tristeza era tão grande que não parecia ser sua. Sentia uma tristeza no cerne das coisas, um pesar até mesmo na chegada da luz do dia. Algo que se agarrou a ele desde aquele sonho e que permaneceu com ele quando se levantou.

Acendeu uma fogueira pequena na grande lareira e foi até os pessegueiros e o galinheiro para coletar o café da manhã. Amieiro veio da trilha que seguia para o norte ao longo do topo do penhasco; tinha saído para caminhar assim que amanheceu, explicou. Parecia cansado, e Gavião ficou novamente abalado pela tristeza no rosto do homem, que ecoava o retrogosto profundo de seu próprio sonho.

Comeram uma xícara do mingau de cevada aquecido que os camponeses de Gont comem, um ovo cozido, um pêssego; fizeram a refeição perto da lareira, pois o ar da manhã à sombra da montanha estava frio demais para ficarem do lado de fora. Gavião cuidou dos animais: alimentou as galinhas, espalhou grãos para as pombas, soltou as cabras para pastarem. Quando voltou, sentaram-se de novo no banco no pátio. O sol ainda não havia chegado ao topo da montanha, mas o ar havia se tornado seco e quente.

— Agora me diga o que o traz aqui, Amieiro. Mas já que você passou por Roke, me conte primeiro se as coisas estão bem no Casarão.

— Não entrei, meu senhor.

— Ah. — Um tom neutro, mas um olhar penetrante.

— Só estive no Bosque Imanente.

— Ah. — Um tom neutro, um olhar neutro. — O Padronista está bem?

— Ele me disse *“Leve meu afeto e consideração ao meu senhor e diga a ele que eu queria que caminhássemos juntos pelo Bosque como costumávamos fazer”*.

Gavião deu um sorriso um pouco triste. Depois de um tempo, falou: